

As faces da violência e a contemporaneidade em *A honra perdida de Katharina Blum*, de Heinrich Böll

Armando de Vitta Santos¹

Natália Corrêa Porto Fadel Barcellos²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar e esclarecer as principais temáticas que envolvem o romance *A honra perdida de Katharina Blum: De como surge a violência e para onde ela pode levar*, de Heinrich Böll (publicada em 1974), de modo a relacioná-las com a contemporaneidade característica da obra. O tema central do romance é a violência, que é alcançada pelo abuso de autoridade e pela manipulação midiática e jornalística. A barbárie, que se instaura e assola a protagonista e a todos aqueles vinculados a ela, torna-se um dos pilares de sustentação da narrativa, de modo que, apesar das diferentes maneiras de representação de violência, essas personagens têm seus psicológicos abalados e suas vidas privadas expostas, posto que tanto a irônica injustiça policial e jurídica quanto o jornalismo fajuto foram capazes de distorcer os fatos revelados no tribunal. O artigo pretende trazer à tona essa dissimulação da realidade presente na obra, a fim de conectá-la ao cenário atual, permeado pelos avanços tecnológicos, pelas relações sociais virtuais e globalizadas e pelas *Fake News*, um fenômeno de recente conceituação e um desdobramento da imprensa marrom. Entende-se, ao fim, a infelicidade à qual Katharina Blum está destinada, pois, após a ilusão criada pela mídia e pela imparcialidade das autoridades, a protagonista, da classe trabalhadora, já desorientada e pervertida pelo sistema, não vê muitas alternativas. Nesta conjuntura, o sensacionalismo midiático se revela como o ponto de partida e de arremate da obra, sendo responsável por todas as ações subsequentes de Blum e por sua prisão.

Palavras-Chave: literatura contemporânea; violência; sensacionalismo; atualidade; *fake news*.

Zusammenfassung: Dieser Artikel zielt darauf ab, die Hauptthemen rund um den Roman *Die verlorene Ehre der Katharina Blum: Wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann*, von Heinrich Böll (veröffentlicht 1974) zu untersuchen, um sie auf die charakteristische Zeitgenossenschaft des Werkes zu beziehen. Das zentrale Thema des Romans ist Gewalt, erreicht durch Missbrauch von Autorität und Medien und journalistische Manipulation. Die Barbarei, die die Protagonistin und alle damit verbundenen Personen etabliert und verwüstet, wird zu einer der Säulen der Unterstützung der Erzählung, so dass trotz der verschiedenen Arten der Darstellung von Gewalt, diese Figuren ihre Psyche erschüttert und ihr Privatleben ausgesetzt haben, da sowohl die ironische polizeiliche und rechtliche Ungerechtigkeit als auch der gefälschte Journalismus in der Lage waren, die vor Gericht aufgedeckten Fakten zu beschädigen. Der Artikel beabsichtigt, diese Dissimulation der Realität im Roman herauszubringen, um sie mit dem aktuellen Szenario zu verbinden, das von technologischen Fortschritt, virtuellen und globalisierten sozialen Beziehungen und *Fake News* durchdrungen ist, ein Phänomen neuerer Konzeptualisierung und eine Entfaltung der Sensationspresse. Es wird am Ende das Unglück verstanden, zu dem Katharina Blum bestimmt ist, denn nach der von den Medien und der Unparteilichkeit der Behörden geschaffenen Illusion ist die Protagonistin der Arbeiterklasse bereits durch das System desorientiert und pervertiert, sieht nicht viele Alternativen. An dieser Stelle offenbart sich die Sensationsmacht der Massenmedien als

¹ Graduando em Letras - Português e Alemão (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Contato: armando.vitta@unesp.br.

² Doutora em Germanística pela Freie Universität Berlin. Professora assistente doutora do Departamento de Letras Modernas - Área de Alemão na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, em Araraquara.

Ausgangs- und Endpunkt des Werkes, die für alle nachfolgenden Handlungen Blums und für ihre Verhaftung verantwortlich sind.

Schlüsselwörter: Gegenwartsliteratur; Gewalt; die Sensationsmache; Aktualität; Fake News.

Introdução

A violência e a falsidade são temas que percorrem a literatura desde a antiguidade, como em *Édipo Rei*, por exemplo, com todos os infortúnios que o protagonista e seus familiares passam, desde a morte trágica de seu pai até a cegueira do herói; assim como as mentiras que envolvem e sustentam o enredo, tal qual a origem de Édipo e a subsequente relação incestuosa entre mãe e filho. Na contemporaneidade não se faz diferente, uma vez que temas como aqueles ainda são abordados, mesmo que sob configurações e propósitos atualizados.

Nesse enquadramento, a obra *A honra perdida de Katharina Blum* (*Die verlorene Ehre der Katharina Blum* — 1974, tradução 2019, por Sibele Paulino), de Heinrich Böll, se constrói sob a perspectiva da violência, diretamente ligada à *imprensa livre*, que promove, juntamente às autoridades, a degradação da imagem da protagonista, a qual é permeada por todo um discurso de ódio, propagado pelos jornais e por opiniões públicas. Assim, ver-se-á que, por meio da narrativa proposta pelo autor, construída por flashbacks e por confissões, ou seja, por diversas vozes postas em cena, cria-se um jogo argumentativo que, aos poucos, aponta para a desvirtualização da vida de Blum, a qual a vira de cabeça para baixo, considerando toda a sua trajetória de crescimento econômico, social e profissional.

Ademais, a contemporaneidade presente na obra é evidenciada por traços que constituem as temáticas existentes nela, de modo que seja possível se apropriar delas, transpondo-as para o momento presente, sobressaltando as recorrências e as similaridades entre um passado não tão distante e o agora, ambos tempos consumidos pela brutalidade e pela corrupção de corpos, mentes e vivências. Assim, neste artigo, a obra de Böll será investigada sob a perspectiva geral da violência, considerando o subtítulo da obra, *De como surge a violência e para onde ela pode levar* (*Wie Gewalt entstehen und wohin sie führen kann*), incorporando o papel das autoridades, das pessoas que rodeiam a protagonista e, especialmente, da mídia manipuladora; a partir disso, em um segundo momento o interesse se volta para investigar os traços contemporâneos sob os quais a obra foi construída e questionar a influência das temáticas sobre eles.

A obra *A honra perdida de Katharina Blum* sob a perspectiva da violência: a manipulação de informações e o abuso das autoridades

Previamente, pretende-se que o leitor compreenda *A honra perdida de Katharina Blum* como um reflexo — quase integral — de infelizes acontecimentos que atormentaram a vida do autor do romance, Heinrich Böll, os quais serão esclarecidos e, em seguida, associados à vida da protagonista da obra, Katharina Blum.

Logo, a desmoralização de Böll inicia-se após uma publicação sua de um artigo na revista *Spiegel*, tratando-se da *Rote Armee Fraktion* (RAF), grupo do qual o escritor faz defesa dos ataques terroristas aos quais os integrantes foram vinculados — uma vez que o jornal *Bild* divulgou uma manchete chamando-os de assassinos e ladrões. O fato é que a *Spiegel*, que ainda era considerada detentora de um jornalismo sério, alterou o título original da matéria sem consentimento do autor, transformando-o em amante de uma das participantes da RAF e vítima da imprensa e do jornalismo fajuto. Isso trouxe a Böll má reputação, considerando a falsa informação de que ele teria relações afetuosas com uma integrante da “esquerda terrorista”, Ulrike Meinhof, fortalecendo a duvidosa postura da revista *Bild*.

Dessa maneira, adentrando à obra de Böll, observa-se uma evidente degradação da personagem Katharina Blum, mulher jovem-adulta, nascida no pós-guerra, em pleno milagre econômico, que construiu do zero sua estabilidade financeira e social. A protagonista teve seus direitos violados tanto pelas autoridades e suas injustiças quanto pelo jornalismo oportunista, que recorreu a um processo seletivo de informações condizentes ao objetivo seu principal: o sensacionalismo. Ademais, são inúmeras as perdas de Katharina no decorrer do romance, consequência das poucas horas que dançou com Ludwig Götten, simpatizante da esquerda e procurado pela polícia. Por esta razão, a crítica literária Maria António Hörster (2016, p. 63) propõe uma caracterização de extrema relevância para a escrita de Böll, sendo este vítima do seu presente tortuoso, uma vez que, além de seus contemporâneos, que também vivem dramas que são elencáveis ao romance, há uma identificação do autor em sua escrita.

Há, então, uma aproximação evidente entre o que foi acometido ao escritor e a jovem Blum; ambos foram atacados pela mídia perversa, a qual manipulou os fatos a favor do sensacionalismo escancarado, perturbando duas figuras que se apresentam em dois planos opostos, mas complementares: o real e o fictício. O autor ainda afirma que se há algo na obra que se assemelha ao acontecimento com o jornal *Bild*, advém do inevitável.

As personagens e o enredo desta narrativa são puro fruto da imaginação. [...] Se, em descrições de certas práticas jornalísticas, surgirem semelhanças com as do jornal *Bild*, isso não se deu por acaso ou premeditação; foi, isso sim, inevitável. (BÖLL, 2019, p. 5)

Essa obra é promissora para o autor, julgada atemporal, de modo que foi demasiado comentada pela crítica e pelo público, dada a temática e os acontecimentos concretos implícitos e relacionáveis à narrativa.

Neste sentido, partindo para *A honra perdida de Katharina Blum: De como surge a violência e para onde ela pode levar*, é importante, antes de abordar as questões de violência e de manipulação midiática, mencionar que o romance é constituído por *flashbacks* recorrentes, no período de cinco dias: de quarta-feira de 1974, dia 20, ao domingo, dia 24. Configura-se uma não linearidade narrativa, apreendido logo no segundo capítulo, quando o narrador fala sobre *fluidez, interação e condução*, trazendo à tona “[...] estagnações, acúmulos, sedimentações, conduções e fontes malfadadas, que “não conseguem convergir”; além disso, há correntes subterrâneas etc. etc.” (BÖLL, 2019, p. 6), de modo que os fatos sejam narrados pelo conteúdo (convergências e divergências) e não por necessidade cronológica.

Observam-se capítulos mais avançados que retratam ocorrências no dia 20 (capítulo 29), quando Hertha Scheumel relata que “Naquela noite da quarta-feira, dia 20 de fevereiro de 1974, estávamos, eu e a Claudia, num embarço só” (BÖLL, 2019, p. 56), trazendo informações sobre a festa de carnaval e a ligação de Ludwig Götten — homem procurado pela polícia — com Blum; enquanto isso há capítulos anteriores, como o 21º, que relata ocorridos do dia 21, quinta-feira, cena em que Blorna, advogado e também patrão da protagonista, torna-se ciente de toda a desgraça que afligiu Blum e que, de alguma forma, recai também sobre ele e sua esposa. Essa não linearidade cronológica dos fatos reforça o tom investigativo e misterioso do romance.

A narrativa ainda não se prende a uma única voz: apesar de um narrador principal, que é responsável por reunir fontes de testemunhas e apresentá-las ao leitor e que baseia na veracidade do que narra, pautado exclusivamente nas informações que recebe, diversos são os depoimentos que contam os fatos, alguns com uma visão de proximidade destes, outros um pouco mais distantes, ambos com suposições e parcialidades. Não há, portanto, um narrador único, muito menos total imparcialidade nos relatos, de modo que, logo no primeiro capítulo do romance, o autor já adianta a existência de três fontes principais e outras secundárias, sendo estas mais parciais e menos importantes, enquanto aquelas são “[...] as transições dos autos do interrogatório da polícia; o advogado dr. Hubert Blorna; e o seu colega de faculdade e amigo, o promotor público Peter Hach” (BÖLL, 2019, p. 5).

Isso assegura a não onisciência do narrador, o qual se sustenta, sobretudo, em profissionais da área investigativa/criminal para dar andamento aos fatos narrados. No decorrer da narrativa, Böll ainda faz escolhas perspicazes para verificar certa imprecisão aos fatos narrados, revogando a consciência total do narrador. No 12º capítulo há um elemento que ratifica essa ideia, quando “Beizmenne *supostamente* perguntou à Katharina, que estava recostada no aparador, serena e provocante: “E então, ele te comeu?”” (BÖLL, 2019, p. 15, grifo do autor), de modo que “[...] não vale como prova definitiva que ele teria realmente feito a pergunta execrável” (BÖLL, 2019, p. 15); o advérbio *supostamente* exprime esse sentimento dúbio, de possibilidades refutáveis.

Essa multiplicidade de vozes, tanto na terceira quanto na primeira pessoa, influencia na não-linearidade dos fatos, assim como é um coeficiente crucial nas relações de manipulação e degradação que incidem sobre a vida da protagonista, uma vez que explicitam a vida desta, tecendo acontecimentos, verdadeiros ou não, responsáveis por toda a tortura psicológica e por todas as perdas de Blum.

Assim, seguindo para toda a violência acometida à Katharina, notam-se diversos pontos abordados neste tema geral, os quais envolvem o sexismo, a mídia manipuladora e sensacionalista (o “personagem”³ JORNAL), o abuso de autoridade e a quebra da privacidade de uma cidadã que tem sua vida exposta ao mundo. Heise (1986) contribui afirmando que

A novela *A honra perdida de Katharina Blum* (*Die verlorene Ehre der Katharina Blum* — 1974) mostra como o uso indevido de um poder que a sociedade nos confere — a liberdade de imprensa — pode destruir uma vida sem oferecer uma clara possibilidade de escolha. (HEISE, 1986, p. 38)

Neste viés, a violência se apresenta sob muitas faces, as quais estão espalhadas no decorrer da narrativa e são visíveis e salientadas pela insanidade gradativa a qual Blum vai se aproximando, também por suas perdas materiais, familiares e pelos ataques direcionados às pessoas de seu ciclo social.

Focalizando inicialmente a protagonista, um exemplo de violência é aquele que os policiais, os promotores e o juiz intentam à Katharina, configurando, portanto, abuso de autoridade por parte destes. No capítulo 13, logo nas primeiras linhas, nos é dito que

Em seguida, o apartamento foi **minuciosamente** vasculhado e alguns objetos foram confiscados, sobretudo escritos. Katharina Blum teve permissão para se trocar no banheiro, na presença da policial feminina Pletzer. Mas **não permitiram que ela fechasse a porta do banheiro por**

³ Apesar de ser um ser inanimado, ordenado e produzido por seres animados, atribuo ao JORNAL o status de um personagem ativo e vivo no romance, visto que é responsável por conduzir grande parte da narrativa, além de integrar um número considerável de “profissionais” da área.

completo, e dois policiais armados continuaram vigiando atentamente. (BÖLL, 2019, p. 15-16, grifos nossos)

As partes destacadas desvendam esse abuso; os policiais avaliando discriminadamente os pertences da ré, ademais, tornando, sem necessidade evidente, explícitas as intimidades de Blum, uma vez que dois policiais homens a observaram mesmo na presença de uma policial mulher. Isso caracteriza assédio sexual ao violar a integridade de uma pessoa em uma circunstância de imposição de poder (BRASIL, 2001), em que a protagonista, despida, se encontra vulnerável perante os agentes.

Além disso, o assédio moral também se consolida na narrativa, criando uma atmosfera de desordem e injustiças. Parte de um processo de manipulação direto com a ré, na medida em que, quando interrogada, suas falas são alteradas e surgem embates entre ela, o juiz e os promotores. O que ocorre é que tentam amenizar os episódios apresentados por Blum, a fim de transformá-la na única pessoa desonrosa frente a todo o tribunal. No capítulo 18, o testemunho que a protagonista dá acerca dos homens indecorosos que a visitavam, contemplados no capítulo anterior (17), é alterado para homens “amorosos”, o que deixou Katharina furiosa e desolada, visto que há consensualidade em ser *amoroso*, mas não em ser *indecoroso*. (BÖLL, 2019, p. 23-24). Julgada como parte de um grupo terrorista, uma ameaça revolucionária às crenças e políticas vigentes, o qual tentava ser a todo custo detido pelas autoridades, Blum se tornou uma ponte, um elo indissociável, na busca de um homem procurado: Götten; neste sentido, qualquer empecilho delatado pela jovem, especialmente no tribunal, era deixado de lado, a fim de torná-la repulsiva aos olhos da população.

Além do abuso de autoridade, Katharina ainda sofre a manipulação da imprensa, que transfigura sua história em algo ainda mais absurdo e que possui intenções sensacionalistas, partindo de um jornalismo dissimulado. Tudo se inicia com sua história de vida; Blum tem sua identidade desconstruída e reconstruída pelo JORNAL, desde seu passado mais obscuro — família conturbada (pai doente, irmão preso) e casamento frustrado — até seu atual emprego e sua vida privada e social. A jovem moça tem sua realidade distorcida, a qual, por sua vez, é escancarada aos olhares e ouvidos do público leitor e ouvinte. A irresponsabilidade com a verdade que a mídia dispõe é a maior e mais cruel violência intentada à protagonista; a falsidade no que é publicado pela imprensa afeta a vida das personagens ao redor de Blum, desde sua tia, com quem tem mais contato, passando pelos Blorna, para quem presta serviços, por sua mãe, doente, e até mesmo seu ex-marido.

Adota-se, portanto, como exemplo, um acontecimento alterado pelo ardiloso jornal, referente ao 23º capítulo, que resume e concentra muito bem toda a influência e

desvirtualização que o JORNAL promoveu na vida de Katharina. Logo na primeira página da edição de sábado encontra-se o título “NOIVA DE ASSASSINO AINDA ESCONDE O JOGO! NENHUM SINAL DO PARADEIRO DE GÖTTEN! POLÍCIA BASTANTE ALARMADA” (BÖLL, 2019, p. 32), dando a entender, mesmo que não haja qualquer verificação, que a jovem, especulada como noiva do suposto assassino, tem conhecimento sobre a fuga do amado. Apenas o título já se mostra como um aproveitamento da fragilidade da senhorita Blum, num instante em que grande parte de sua credibilidade havia sido danificada; por outro lado, a polícia vai, aos poucos, se consagrando como uma entidade sublime e de caráter puro e bem-intencionado.

Fazendo bom proveito da situação, o JORNAL expõe o distanciamento entre mãe e filha, afirmando que a mãe de Katharina, a Sra. Blum, teria dito que a jovem não a visitava há tempos, além de não negar os possíveis atos da filha. Além disso, também trouxeram uma versão do ex-marido da ré, o qual teve sua imagem estampada como vítima no plano de divórcio, a fim de criar uma comoção antes de seu depoimento: “O ex-marido, o digno operário têxtil Wilhelm Brettloh, de quem Blum é divorciada como a parte culpada devido ao **abandono cruel**, prontamente concedeu informações ao JORNAL” (BÖLL, 2019, p. 33, grifo nosso). A parte destacada em negrito representa uma pequena parcela das apelações emocionais que o JORNAL promove no decorrer da narrativa, seja em títulos ou em partículas textuais em suas redações, a fim de disseminar o falso caráter monstruoso da jovem Blum, a qual, em seu primeiro interrogatório, apenas afirmara: “Fui a parte culpada de meu divórcio por **abandono ao lar** e voltei a usar meu nome de solteira” (BÖLL, 2019, p. 18, grifo nosso).

A protagonista, uma mulher que iniciou sua jornada nesta narrativa como forte, destemida e independente, que se propunha a discutir com o juiz e com os promotores, que mantinha sua palavra e suas forças para se provar inocente, estava se perdendo, se fragilizando e passado por um processo de aceitação da realidade inventada pela imprensa. No capítulo 27 é notável a preocupação de Katharina, a qual, não sabendo mais como agir, busca respostas por uma possível intervenção do Estado, questionando se este “[...] não poderia fazer nada para protegê-la daquela imundice e resgatar sua honra perdida” (BÖLL, 2019, p. 49). No mesmo parágrafo ela ainda se questiona como chegou ao JORNAL os detalhes do interrogatório, além é claro das informações falsas que lá eram publicadas; ao utilizar “[...] **declarações mentirosas e fraudulentas**” (BÖLL, 2019, p. 49, grifo nosso) como descrição para as notícias, Blum, indagando-se, sugere ao leitor a manipulação midiática.



Até o momento, foram expostas as maneiras como a violência e seus vértices atingiram a jovem Blum; entretanto, outros são os personagens injuriados pelo terrorismo que o processo judicial e, especialmente, o JORNAL fomentaram.

Para dar início, há a figura ilustre da madrinha de Katharina, Else Woltersheim, que cedeu à sua afilhada ajuda financeira nos momentos de maior necessidade. A senhora Woltersheim também deu seu depoimento quando interrogada frente às acusações de Blum; o fato é que seus relatos foram aos poucos sendo esgotados por perguntas incessantes.

O que se pode afirmar é que os acontecimentos com Blum foram avassaladores o suficiente para tornar a vida de sua madrinha tão estressante e angustiante quanto a da jovem, de modo que todos ao lado desta estavam sendo perseguidos. No capítulo 10 já temos um breve relato do narrador a respeito do abuso de autoridade, quando Beizmenne grampeou os telefones de Else e de sua afilhada. Mais à frente, no 37º capítulo, a senhora Wollersheim se encontra em estado de choque, com medo do que pode vir a acontecer. Böll (2019) garante que mesmo sendo uma mulher segura, com pulso firme, a madrinha de Katharina já não conseguia mais lidar com a situação, tamanha a perseguição que sofriam. Na passagem, o autor adverte: “Havia pessoas que os estavam deixando com os nervos à flor da pele desde que ficaram sabendo através do jornal seu nome e seu endereço, e era melhor que o telefone ficasse fora do gancho” (BÖLL, 2019, p. 68).

25

Outras figuras que são afetadas pelo desenrolar dos fatos deturpados e pelas invenções da imprensa, são os Blorna. O casal é importunado pelas matérias sensacionalistas desde o começo das atividades do JORNAL. As matérias transcritas no decorrer da obra vão gradualmente reconhecendo o casal como cúmplice nas situações que envolviam sua funcionária — Blum —, de modo que, no capítulo 47, são questionados (em sentido retórico) sobre o envolvimento dos mesmos com o caso da protagonista: “Ou será que eles [Sr. e Sra. Blorna] tinham, sim, ideia do que se passava? A relação deles com Blum é praticamente familiar, quase íntima” (BÖLL, 2019, p. 95).

Neste momento da narrativa, o JORNAL já monopolizava as informações completamente, configurando-as quase irredutíveis. Tudo isso afetou drasticamente o casal, tanto que no capítulo 49 é apresentado um lado desconhecido de Hubert Blorna (advogado), antes definido pelo autor como racional, sóbrio e educado. O capítulo em questão se passa quando o advogado é avisado por Else Woltersheim a respeito de uma matéria do jornal de domingo: o homem fica possesso e enlouquece, cogitando até mesmo fazer um coquetel-molotov, mas sendo impedido pela esposa, a qual, momentos após deter o marido, também se enfurece; no entanto, diferentemente deste, Gertrud Blorna

causou certa confusão, ligando para Lüding, ofendendo-o. A partir desse momento temos a queda social acentuada do casal Blorna, que, já não tão bem-vistos, dado suas relações com Blum, agravaram sua situação, pois o que se sucede é um ato violento do senhor Blorna a Sträubleder, um amigo de longa data. Todas as perdas e os ataques sofridos pelo casal são decorrentes da distorção de informações que se passava nesses poucos dias de julgamento.

Por fim, a última figura que será aqui abordada, também vítima da imprensa manipuladora, é a mãe de Katharina, mulher que trabalhou como doméstica e encontra-se doente no tempo da narrativa. A primeira menção negativa à ela nas redações do JORNAL verifica-se na afirmação do padre de Gemmelsbroich, o qual alega que a senhora “[...] roubou o vinho da sacristia e lá fez orgias com seu amante” (BÖLL, 2019, p. 29), tornando-a detestável, no intuito de justificar os supostos erros de Katharina, até então especulados no tribunal e no mesmo jornal. A crueldade que recai sobre a mãe doente é acentuada durante a visita de Tötges, jornalista que, supostamente, entrou sem permissão na ala médica na qual a enferma estava, conscientizando-a de todos os ocorridos nos últimos dias; fragilizada, a mulher interroga “Por que as coisas têm de acabar assim? Por que elas são assim?” (BÖLL, 2019, p. 86), questionando os infortúnios que envolveram sua filha. Neste momento, o ato mais hediondo vem à tona quando Tötges altera a fala da senhora para “O que começou assim, assim termina” (BÖLL, 2019, p. 86, grifos nossos), afirmando que isso — a inautenticidade — era uma maneira de ajudar na retórica dos entrevistados mais simples.

Não se sabe ao certo se o que foi dito pelo jornalista é totalmente verdade, mas, estando falecida a mãe de Blum, não há testemunhas para confirmar ou desmentir Tötges. Dessa maneira, o assédio moral e a distorção de informações são os aspectos principais neste caso, uma vez que não houve considerações do jornalista no que se refere ao estado agonizante e final da entrevistada, a qual, na realidade, não possuía condições psicológicas para realizar qualquer declaração. Tötges abusou disso para desenvolver informações fraudulentas, sendo visto no hospital e, então, possuindo um álibi para o que foi exposto.

Todos os ocorridos apresentados mostram como uma pessoa, simples e nada pública, pode ser vítima de informações falsas e pretensiosas, que disseminam um sensacionalismo escancarado e que afetam tudo e todos ao redor: as relações familiares e sociais, assim como o psicológico daqueles em torno. Katharina — assim como Böll — foi pervertida por um acontecimento breve e pontual em sua vida, um que só teve conhecimento aprofundado (não só por parte dela, mas de todos aqueles que tiveram acesso às notícias) após o início de seu julgamento. Posto isso, na próxima seção o fator

da contemporaneidade será desenvolvido pelos aspectos abordados até o momento, a fim de encerrar o plano argumentativo.

A contemporaneidade impetuosa presente em *A honra perdida de Katharina Blum*: De como surge a violência e para onde ela pode levar

Para retratar a contemporaneidade na obra de Heinrich Böll, faz-se necessário conceituar este termo, de modo a emergir as possibilidades diversas que configuram esta narrativa como contemporânea. Schøllhammer, em sua obra *Ficção brasileira contemporânea* (2011), projeta uma definição muito perspicaz, uma vez que “Ser contemporâneo [...] é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir.” (p. 10); é, portanto, traçar uma linha imaginária que parte de uma realidade iminente e irrefreável. Nesta via, Agamben (2009) complementa que

[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. (p. 72)

27

Böll, por conseguinte, em sua obra, é responsável por um fazer literário que flerta não apenas com seu tempo e com sua realidade (a qual já foi e ainda é relacionada ao romance de Blum), como também com os tempos que se foram e aqueles que virão. A exigência que Agamben assinala, é a mesma urgência que Schøllhammer observa, “uma escrita [...] que se faz sem demora, mas também é eminente, que insiste, obriga e impele, ou seja, uma escrita que se impõe de alguma forma.” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 11). Essas são características fundamentais que os autores atribuem à literatura contemporânea.

Dessa maneira, a partir das ponderações a respeito da contemporaneidade literária, basta relacioná-las com a obra do escritor alemão, tomando como base aquilo que foi apresentado na seção anterior, em que o tratamento analítico se voltou para as temáticas da peça que aborda: a violência, o abuso de autoridade, a manipulação midiática e o definhamento do psicológico humano.

Ao escrever este romance investigativo, Böll faz uma crítica escancarada ao expor uma realidade que pode recair sobre qualquer pessoa, seja pública (assim como aconteceu com o autor), ou anônima (como era o caso da jovem Blum). Os jornais são veículos de informações muito antigos, mas que, na atual conjuntura globalizada, se

manifestam em diferentes vias, por variadas vozes e posicionamentos e sob diferentes interlocuções. As pessoas que recebem as informações estão sujeitas a um processo de confiabilidade naquilo que leem, ou seja, na crença de que aquelas sejam ou não verdadeiras. Assim, ao referir-se à manipulação de informações, é substancial entendê-la como “[...] uma via de mão dupla, [e] para ela acontecer é preciso haver interessados.” (ALEXANDRE; FERNANDES, 2006, p. 156).

Heinrich Böll criou uma obra contemporânea quando destaca-se a relação intrínseca entre ela e o seu momento contemporâneo, e também mostra o atravessamento dessa narrativa nas contemporaneidades que se seguem — e que se seguiram —, dado que os temas são atemporais — e também intemporais: a isenção policial voltando-se, na verdade, contra a ré, caracterizando assédio; o abuso de autoridade, tanto dos policiais quanto do juiz e da promotoria; o sensacionalismo robótico e evidente da imprensa, que tem as ideias compradas pela população desvairada, incapaz de discernir o que é verdade ou não. De modo a exemplificar, a obra do escritor alemão conversa, em boa parte dos elementos, com o fenômeno das *fake news*, o qual, apesar de ser um conceito muito atual, é um procedimento corriqueiro e antigo a alguns jornais, revistas, demais sites e vias que propagam informações — e até de pessoas anônimas. As notícias que carregam mentiras e falsidades são veiculadas por redes sociais e, com menos frequência, por meios físicos; o fato é que normalmente não há busca pela veracidade: boa parcela da população se contenta com o que lhes é transmitido, julgando os acontecimentos sem buscar as fontes da publicação.

A contemporaneidade em *A honra perdida de Katharina Blum: De como surge a violência e para onde ela pode levar* se estende para um novo horizonte: o tecnológico, sem deixar de lado outros meios já existentes. Assim como a vida da protagonista foi invertida, virada de cabeça para baixo, diversos são os indivíduos afetados por informações falsas, por discursos de ódio, que têm suas vidas desvirtuadas por jornais e revistas descompromissados com a verdade, assim como também por pessoas comuns e anônimas que criam inverdades e as *jogam nas redes*. Na atual conjuntura, aqueles que acreditam em quaisquer notícias e reportagens, são capazes de propagar essas inverdades.

Tal qual a narrativa de Böll, a vida contemporânea é construída sob uma influência expansiva dos meios de comunicação, de modo que a população se vê refém destes. Muitas vezes não há o discernimento apropriado dos interlocutores, cegados pela mentira, tomando-as como verdade absoluta, sem buscar qualquer resquício de veridicção; ao mesmo tempo, o Estado não propõe uma ação que seja eficaz para “derrubar” sites e contas em redes sociais que propagam essas inverdades. Basta ao leitor, portanto,

reconhecer o que é fidedigno dentre as *Fake News*, que são espalhadas em grande escala diariamente; do contrário, assim como denunciado por Böll, casos como o de Katharina Blum estão sempre suscetíveis à recorrência.

Considerações finais

A obra contempla uma contemporaneidade esclarecida pelos elementos que a compõem, que são parte crucial para uma interpretação aprofundada. A personagem Katharina Blum é assolada pelo abuso de autoridade, pela imparcialidade policial e pela manipulação das informações que o JORNAL propaga. Não há, neste romance, um final feliz para a protagonista, pois, mesmo que fosse inocentada de tudo e tivesse sua liberdade retomada, a jovem desenvolveu, ao longo da narrativa, problemas psicológicos que se fazem evidentes, como um certo grau de ansiedade, insegurança e medo. Isso comprova que, mesmo havendo retratação por parte da imprensa, o que foi feito já se consolidou, caluniando a vida de uma mulher que alcançou, com muito esforço e honestidade, uma vida econômica e socialmente mediana e pacata. Böll confirma o subtítulo de sua obra, *De como surge a violência e para onde ela pode levar*, quando exprime as diversas formas que a violência toma, desde a física até a moral e a psicológica (sendo estas duas últimas imprescindíveis para a análise). A desvirtualização completa da figura de Katharina foi apresentada quando todos ao seu redor foram vítimas dos ataques das autoridades e, principalmente, da mídia, indo de encontro ao auge da frustração e desonra.

Neste sentido, compreende-se a obra, mediante a todos esses aspectos, como contemporânea, sendo possível relacioná-la com o fenômeno das *Fake News*, um dos conceitos mais atuais no que diz respeito à manipulação de informações e ao discurso de ódio, que se revela como consequência de uma frenética perversidade da imprensa.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? E outros ensaios. **Argos: Chapecó**, 2009.

ALEXANDRE, Marcos; FERNANDES, Renata. O poder hoje está na mídia. In: **Comum - Rio de Janeiro** - v.11 - nº 26 - p. 145 a 168 - janeiro / junho 2006.

BRASIL. Lei Nº 10.224, de 15 de maio de 2001. Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 16 de maio de 2001.

BÖLL, Heinrich. *Die verlorene Ehre der Katharina Blum*. 1974. Tradução de Sibele Paulino. 1ª ed. São Paulo: **Carambaia**, 2019. 136 p.

HEISE, Eloá Di Pierro. A obra de Heinrich Böll, uma “L’art Pour L’homme”. **Língua e Literatura**, (15), 1986.

HÖRSTER, M. A. Tradução e ideologia: a exemplo de traduções de Heinrich Böll em Portugal. *In*: Tradução, Tradutologia e Áreas de Confluência. RUA-L: **Revista da Universidade de Aveiro**. Letras, n. 5, p. 59-80, 2016.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.